

A destruição das florestas

Relatório divulgado pela FAO mostrou que na última década o planeta perdeu 16,1 milhões de hectares de florestas nativas por ano. A região do mundo onde mais se devastou a cobertura florestal foi a África, seguida da América Latina. Nas regiões mais ricas aconteceu o inverso: a Europa aumenta suas florestas ao ritmo de 880 mil hectares por ano. Segundo o relatório "O Estado das Florestas do Mundo", o Brasil derrubou 2,3 milhões de hectares de suas florestas, por ano, na última década.

A boa notícia, segundo a FAO, é que a velocidade do desmatamento diminuiu e é, agora, menor do que nas décadas de 1980 e 1990. A devastação diminuiu, em média, 14% por ano nos quatro últimos anos da década de 90, em comparação com o período 1990/1995. Os dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais mostram que no Brasil, onde se calcula que estejam 27% de toda a biomassa terrestre, a devastação ainda é grande, mas também diminuiu nos últimos anos. A perda de florestas caiu de 0,5% para 0,4% por ano no final da década, em comparação com a primeira metade do período.

A conversão do uso das terras para agricultura e pecuária, muito mais do que o fogo ou a exploração excessiva de produtos florestais, é a principal causa da devastação incessante da cobertura florestal no planeta e a reversão dessa tendência só será eficazmente contida com a prática do "manejo sustentável" – exploração econômica da floresta que valoriza toda atividade que não destrua o meio ambiente – e com a ocupação de áreas que já foram devastadas e estão abandonadas. O relatório da FAO menciona, por exemplo, que 16

milhões de hectares desmatados na Amazônia são improdutivos, tendo sido a exploração agrícola abandonada em razão da dificuldade de acesso.

O relatório da FAO foi divulgado em momento crucial para a proteção do meio ambiente brasileiro. O governo já afirmou que não permitirá mudanças que desvirtuem o espírito de proteção ambiental do novo Código Florestal, mas a bancada ruralista no Congresso continua empenhada na tentativa de aprovar modificações que tornariam ainda mais vulnerável a cobertura florestal da Amazônia e do Cerrado. Proposta do deputado Moacir Micheletto, do PMDB do Paraná, reduz a proposta do governo de manter a cobertura vegetal

Relatório da FAO sai em época crucial para proteção das florestas brasileiras

em 80% por propriedade rural para 50%, na Amazônia, e para 20% no restante do País. O principal argumento é o ganho em produção agrícola.

E exatamente essa falácia que a FAO condena, pois o desempenho da produção não depende da maior oferta de terras para cultivo e sim do uso de técnicas apropriadas de manejo e utilização de insumos.

Se o novo Código Florestal for aprovado sem as modificações propostas pela bancada ruralista, terá dado um passo enorme na proteção da cobertura florestal.

Outras medidas também ajudariam. Por exemplo, o ministro do Meio Ambiente, José Sarney Filho, afirma que apenas na Amazônia 165 mil quilômetros quadrados de florestas devastadas estão abandonadas. Se essas terras fossem incorporadas, com novas tecnologias, à produção, a área de pastagens na Amazônia cresceria 68%, ou a área agrícola cresceria 8 vezes, sem que fosse derrubada uma única árvore da floresta.